

A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

O Reino da Traulitânea

Já lá vão doze anos. Há ainda na memória de todos nós um rescaldo desses vinte e cinco dias de comédia sangrenta. Era o domínio accidental dos tórvos batalhões monárquicos em agressão odiosa á terra de Portugal. O atentado falhou estrepitosamente porque o povo português, os farrapilhas das ruas, os míseros dos casebres destelhados, generosamente se devotam a uma República que cimentaram em 5 de Outubro de 1910 com jactos copiosos do seu sangue.

O atentado falhou! Porque os heróis do 5 de Outubro multiplicaram-se então para escalar Monsanto e atacar o Norte, que por momentos gemia sob as crapulosas mãos dos couceiristas.

Foi épico esse esforço em que o Exército batalhou ao lado do povo até ao memorável 13 de Fevereiro, desbaratando formidável das hordas realengas!

13 de Fevereiro!...

A República resplandeceu mais forte. Era bela de tanta ventura e glória. Algumas baforadas de criminoso ópio tolheram-lhe, porém, o delicado olfacto. Toldou-se-lhe a vista. E os seus mártires, os seus heróis, os sacrificados de sempre, ainda jazem no túmulo do esquecimento.

Abramos alas para deixar passar os valentes daquelas tetricas horas.

São muito do nosso conhecimento as personalidades que passam. O cenário é positivamente o mesmo...

Mas a República vive heroicamente, neste mar encafelado, porque os cobardes não podem derrubá-la.

Viva a República!...

Xyz

Cada vez mais «crêco»

Decididamente o «Nemo» é uma figura asnatica, nesta sua última metamorfose de demente.

Imaginem vocês que no seu vomitório de 3 do corrente se espanta imbecilmente por a Maçonaria ter no seu seio homens de certo relevo social, como médicos, advogados etc.

Que admiração! Seria vergonhoso unicamente que lá hovesse gente sem moral ou sem conduta, e, com a sua mania de em tudo ver a Maçonaria, quer humilhar e exalta. E' assim que sob o ponto de vista político nos tem prestado bons serviços.

Ora esta é boa! Está «crêco» de todo!

13 de Fevereiro

E' de ontem. Poderia ser d'hoje. Sê-lo-á amanhã ou em qualquer momento se uma centelha fulgir na massa formidável do patriotismo inato do nosso povo sempre pronto a explodir quando este se sintia atacado no último reducto das suas liberdades civicas ultrajadas.

Até aqui, e tão longe me encontro, chegam os rumôres vagos duma ralé ignara que se ilude, canta e exulta, fascinada por aparências a que só uma crassa ignorância das lições da história e o absoluto desconhecimento das qualidades da nossa raça podem dar visos de possibilidade de qualquer resistência, ao primeiro embate duma luta em que vibre a alma da Nação.

Miserável monarquia que tivesse de ser servida por espíritos tão tacanhos como aquêles donde, quais vapôres que, lentamente, se exalam das montureiras, saem as atoardas, que conseguem aqui chegar, duma provável e próxima restauração régia.

13 de Fevereiro não é uma data; não é um momento do passado; não é a história; muito menos a saudade, nunca por nunca o desespero ou a renúncia. 13 de Fevereiro é o sentimento indomável, inacessível, permanente, que nunca desfalece, da Pátria Portuguesa; é o escudo que cobriu um dia e cobrirá sempre o peito da Nação que quer e há-de sêr livre, que há-de continuar a impôr-se ao mundo pelas inequívocas demonstrações da virilidade duma raça afirmada em lances mil de heroicidade no combate pelos direitos e pelas liberdades do povo.

Dr. Emídio Guerreiro

Apraz-nos registar este nome nas colunas do nosso jornal. E' um novo que talentosamente se bate pelos princípios da Democracia. Expande em chispas fulgurantes toda a sua mocidade, esperançosa no futuro da República pura.

Este nosso correligionário valioso nasceu em Guimarães. E' pois um ilustre vimezanense que jubilosamente nos surge para o «amanhã».

Assistimos—pela voz da imprensa—à sua conferência na Casa do Povo. Regosijamo-nos enormemente pela clareza e precisão com que se houve, derrubando toda a teoria de Pequito Rebelo, um místico com doudas qualidades de demência.

O facto é do conhecimento público. Só nos é forçoso frisar uma diferença chocante entre os conferentes: a Emídio Guerreiro foi interdito o consentimento que pediu para, em plena assembleia integralista, desfazer os díslates de Pequito Rebelo. Na Casa do Povo, porém, o nosso insigne conterrâneo convidou—pela voz de Mem Verdial—todo o cidadão em discordância, a refutar as suas afirmações.

Belo exemplo! Ao Dr. Emídio Guerreiro foi enviado o seguinte telegrama:

Saudações sinceras. Republicanos de Guimarães abraçam fraternalmente talentoso caudilho Democracia sua brilhante conferência Casa Povo

(Seguem cerca de duzentas assinaturas).

—N. da R.—Das importâncias recebidas para o envio deste telegrama resultou um saldo que, embora pequeno, será hoje distribuído por alguns indigentes envergonhados desta cidade.

Américo Olavo

Passou últimamente o aniversário do assassinato deste valoroso soldado da Democracia. «A Velha Guarda» presta homenagem sincera á sua memória.

Remendos

A Comissão Administrativa da nossa Câmara mandou proceder a uns ligeiros concertos nas ruas principais da cidade. São uns remendos mal alinhavados, mas em todo caso é fazer alguma coisa em benefício das molas dos automóveis.

Guimarães, que é, actualmente, uma cidade paráltica, tem de exalar o último suspiro, dentro em breve, se não lhe acudirmos a tempo! A sua doença principal—*a asfixia*, exige que todos os bons Vimezanenses lhe prestem os devidos socorros a fim de não a deixar succumbir á falta de cuidados e de carinhos. A enfermidade, que já é muito grave, não pode continuar á mercê de mais paliativos. Não é com remendos que o mal das ruas pode ser remediado, nem é, também, com remédios por conta-góias que o seu Progresso tem de reviver. O mal, que é geral, requiere os maiores cuidados, os quais não devem ser adiados por mais tempo. E, só assim, poderemos dizer que o Progresso e a vida de Guimarães são toda a nossa aspiração.

António Alves Martins Pereira

Este nosso particular amigo e velho correligionário, que ha tempos foi acometido duma congestão, encontra-se, felizmente, muito melhor. Esperamos que se restabeleça rapidamente.

Maloriadez

Ha muito por essas ruas da cidade, mórmente no Toural, onde estaciona, de quando em vez, uma nuvem de criaturas menos conhecedoras do respeito que nos deve merecer o nosso semelhante.

Pedimos rápidas providencias a quem de direito, para extinguir de vez a labareda de palavões que nos humilham.

Via entupida

Nada de sobressaltos! Queremos nos referir apenas á rua da Caldeirôa—a via. Estava estes dias entupida por um monte de canchotos em rija peleja com o machado do rachador.

O transitio suspenso! Esta usança é tão velha como a sé de Braga, mas urge reformá-la para bem da humanidade. Recomendamos isto a quem de direito.

«8 horas de trabalho»

A autoridade administrativa recebeu ordens do governo civil para não permitir que esta disposição seja sofismada.

Já não é sem tempo. Porque sabemos de algumas desgraçadas que, sem a intervenção de ninguém, moirejam em certa fabrica, até á meia noite a trôco dum soldo minimo.

Oxalá que isto se tome a sério, pondo cobro a esta espécie de escravatura ou infame exploração.

Este número foi pisado pela Comissão de Censura

Assina! «A Velha Guarda»

VIVA A REPÚBLICA!!!

Eis o grito clamoroso que brota dos nossos peitos.

União e força! Alma e intransigência!...

Regada pelo sangue generoso de tantos mártires, a árvore da Liberdade vicejou. E' poderosamente grande porque lhe serve de pedestal sagrado a alma popular, porque militam nas suas fileiras as elites do pensamento. A' sombra infável dessa árvore gigantêsca pôde conceber-se a vida a dentro duma nova arquitectura, em que o homem se apróxima do homem sem as restrições dos velhos vinculos.

Viva a Liberdade!...

E as multidões deliram arrastadas pela magia inebriante do formoso clamôr.

E' que, nos identifica sonoramente essa ruidosa esperança, traduzida em milhões de preces que se chocam no espaço.

Perdura ainda o mesmo pensamento que impregnou de belo idealismo os heróis de 31 de Janeiro ao deixarem-se chacinar em massa para polvilhar do seu sangue o caminho do futuro. E o «5 de Outubro» foi o epilogo longínquo dessa tragédia gloriosa.

Viva a República! Viva a Liberdade!...

Foi isto pura e milagrosamente o «santo e a senha» dessa multidão anónima que escalou Monsanto.

República e Liberdade! Liberdade e República!

A nossa mentalidade chama-lhes «ideias correlativas». Não pode conceber uma senão enquadrada na outra. Há destas singularidades no nosso raciocínio!... Foi porisso que faliram todas as tentativas de caracter amorfo, e entre as quais avultou a chamada «monarquia do norte».

Republicanos de Guimarães, o perigo reaccionário não existe porque a Pátria se uniu á República por estreitos laços.

A República toma cada vez mais lindas côres na alma dos portugueses.

De resto, ha nela mocidade e formosura e claros auspícios duma sólida robustez.

Arreemos, pois, bandeiras entre nós e entendemo-nos. Caminhemos para o mesmo plano por embora diversas

vias. A nossa ideia culminante é: *República e Liberdade*. E façamos uns aos outros, lealmente, a imprescindível justiça.

Há honestidade e altivez nos sentimentos políticos de todos nós!

Viva a República! Que este grito nos chame á realidade das coisas. Porque, afóra algumas insignificantes divergências, temos os mesmíssimos pontos de vista.

Os mesmíssimos pontos de vista!

Expulsêmos a discórdia do nosso seio, a animosidade de entre a Família Republicana. Cobre-nos o mesmo estandarte e a árvore da *Liberdade* que nos abriga é a mesma.

Somos irmãos no pensamento nobre que elevou o homem á altura da sua própria dignidade, o escravo á categoria do homem e o facinora — embora privilegiado — ao posto de indesejável.

Caminhamos juntos para a mesma civilização, construída pelos nossos ideais que quebram lanças pela victória final.

Republicanos de Guimarães, cerrêmos fileiras e esqueçamos o que é tão infinitissimamente pequeno ante a glória e o prestígio da REPUBLICA.

Viva a República!...

Viva a Liberdade!...

Oportuno...

«A República—que se edita em Vila do Conde— é um semanário republicano perfeitamente integrado na sua doutrina.

Constatava, no último número, que muitos indivíduos que desempenharam altos cargos do Regimen ainda não desceram á liça a cruzar ferro com os nossos adversários; ou, pelo menos, a apoiar moralmente aquêles que o fazem.

João Ameal

Conhecem-no?

Nós lhes contamos: não é um portento nem um pápio capaz de assustar meninos. É apenas um curioso anfibio que vem enriquecer o nosso jardim zoológico. É um anfibio pelo simples facto de se acomodar á urbanidade de hoje vivendo não obstante, em pensamento, entre os caceteiros de D. Miguel, de respeitável memória. Fica-lhe a matar aquêles geito de grunhir pelo seu nacionalismo anti-democrático.

Mas—como diz por outras palavras a *República*, de Vila do Conde em artigo doutrinario—o nacionalismo de tal gentinha é posico. Tem tanto de nacional como os catolicos de cristãos.

Tudo aquilo é importado! E' contrabando sonegado ao fiscal!

«A Velha Guarda»

Por motivos estranhos á nossa vontade, este número só hoje pode ser distribuido.

Assina! «A Velha Guarda»

FESTA INFANTIL

No dia 31 de Janeiro proporcionou o Conselho de Assistência Escolar, que desde largos annos mantém a «Cantina Escolar Vimaranesa» instituição que muito tem contribuído para o aumento de matriculas nas Escolas Centrais desta cidade e garantido a regularidade da sua frequência, mais uma festa ás crianças.

Não nos arrependemos do que há um ano escrevemos nesta mesma secção: as festas em que o elenco principal seja constituído por crianças serão sempre, pelo menos encantadoramente interessantes, se o programa é elaborado a preceito e os seus professores, que já mais recusaram o seu concurso, colaboram na sua organização, orientação e, sobretudo, na preparação das figuras marcantes.

A festa deste ano não foi simplesmente encantadora: atingiu mesmo certo brilhantismo, já pelo ambiente prestigioso em que decorreu, já pela criteriosa selecção dos números do programa, que tiveram feliz execução.

Em extenso cortejo, ladeado por todo o corpo docente e pessoal menor, conduzindo uma interessante menina a bandeira branca da «Cantina Escolar Vimaranesa» dirigiram-se as crianças das Escolas Centrais para o edificio da Sociedade «Martins Sarmiento» em cujo salão nobre foram introduzidas, para assistirem á entrega dos fatinhos que o Conselho de Assistência dava aos seus condiscipulos pobreziños — principal motivo da festa que ia decorrer abrindo o cortejo a banda da Oficina de S. José, que por cortante deferência se lhe associou.

—Pelas 14 1/2 horas constituiu-se a mesa de honra, assumindo a presidência o Ex.^{mo} Sur. Inspector Chefe da Região escolar, que se fez ladear dos Ex.^{mos} Srs. Inspectores adjuntos Srs. Ramôa e Viriato; ex.^{mo} sur. Dr. Santos, representando o Liceu e Câmara Municipal; ex.^{mo} sur. José de Pina representando a S. M. Sarmiento; ex.^{mo} srs. Abel Cardoso e Mário Menezes como representantes da E. L. e Comercial de Francisco de Holanda.

Em lugares reservados a academia que se fez acompanhar da bandeira e bastantes senhoras.

Iniciou os trabalhos o illustre Presidente do Concelho de Assistência Ex.^{mo} Sur. A. L. de Carvalho, que em breves palavras, como caminha ao momento e ao acto, expôs o motivo da festa, justificou a escolha do dia e do local e agradeceu á assistência de todos os que se dignaram aceder ao seu convite e que aquêla singela festa imprimiam caracter official e emprestavam muita solenidade.

Abriu a festa com o himno nacional cantado pelas crianças, que se houveram muito bem, acompanhando a já referida banda.

Leu um discurso — verdadeiro repositório de ensinamentos para todos e incentivo para professores e crianças, preito á Pátria e saudações á República — o ex.^{mo} sur. Inspector-Chefe da Região Escolar.

Avaliamos bem o seu sacrificio com que o fez, porquanto o seu estado de saúde não era de molde a suportá-lo sem gravame; e só o justificando o sentimento dos deveres daquêles cargo e o grande desejo de concorrer para o briho daquêles acto.

Leram discursos também os digníssimos directores das Escolas Centrais, nossos colegas D. Luísa Miranda e Montes Guimarães, bem como o professor Rodrigues, que dispensou a leitura.

Todos focaram bem o motivo que ali nos rebuia; deram o devido relevo ao trabalho e dedicação dos propulsores, organizadores e colaboradores da festa, que indiferentes a sacrificios, contrariedades e mesmo malsinações prosseguem na bemdita cruzada do bem.

Pareceu-nos que contavam só-

mente como illustre Inspector-Chefe. Crêmos, porém, que os seus illustres colegas simplesmente tomarão o facto como inobservância de certas conveniências protocolares.

Aquêles senhores professores a todos reconhecem as mesmas qualidades de trabalho e dedicação pela escola, o mesmo carinho pelas crianças, a mesma consideração pelos seus subordinados.

Seguiram-se recitações pelos alunos das duas escolas, números de canto coral.

Todos os meninos e meninas foram bastantes felizes, sendo de justiça destacar o que saudou a bandeira e um miudito Menezes a fazer de estudantinho cuidadoso.

Pelas 15 horas foi encerrada a sessão na Sociedade, debandando a petizada aos acordes da «Portuguesa» organizando-se novamente o cortejo, conduzindo já a bandeira da Escola Central Masculina—gentilmente oferecida pela distinta professora D. Aida de Sousa Carvalho—o aluno Nunes.

Todo o cortejo desfilou ante a estátua de D. Afonso Henriques, seguindo para o Teatro Gil Vicente a assistir a uma matinée.

O Ex.^{mo} Sur. Jacinto Guimarães levou á sua generosidade ao ponto de brindar todas as crianças com um saquinho de rebuçados e um sorteio de uns brincos e um par de botas. A pequenada riu a bom rir e ainda mais uma vez cantou o himno nacional.

O Ex.^{mo} Sur. Machado fotografo na R. 31 de Janeiro ofereceu gratuitamente a fotografia da petizada, gentileza que o Concelho agradecerá.

A «Velha Guarda» não recebeu convite. Desconhecemos as razões. O que é certo é que a «Velha Guarda» nunca deixou de encarecer estas demonstrações de carinho pelas crianças e de se associar entusiásticamente a manifestações de civismo e de patriotismo sinceros.

O seu colaborador habitual redigiu as presentes notas.

«O POVO»

Temos, sobre a nossa mesinha de trabalho, uma circular assinada por uma comissão de jornalistas republicanos que se propõem instalar uma Sociedade Editorial, de propaganda democrática pela publicação dum diário da manhã intitulado «O Povo».

Por absoluta falta de espaço, é-nos impossível transcrever integralmente as bases de tão patriótica Sociedade.

Saibamos—entretanto—que o novo jornal manterá, *autonomia e independente, a orientação republicana—na sua forma genuinamente democrática ou de governo pelo povo—em pleno regime de liberdade, igualdade e fraternidade etc.*

O capital da Sociedade será de 1.000.000\$00, representado por 100.000 acções de 10\$00.

Accionista e assinante de «O Povo» pode e deve ser todo o cidadão republicano. O número de acções nunca deverá ascender acima de dez, que não obstante só dá o direito de um voto a cada accionista. Assinam a circular os fogosos e conspicuos republicanos: José António Simões Raposo Junior, Maurício Costa, H. J. Sampaio Luz, Alfredo Marques, Mário Quintela e Carlos Babo.

Muito bem.

N. B.—Chamamos a atenção do leitor para o empreendimento, que é possível reverter num enormissimo serviço prestado á Liberdade Nacional.

Eis o endereço: Redacção de «O Povo»—Diário Republicano da Tarde—Rua do Callariz, 17, 1.º.

ARREPIOS DA (72)

Uma carta do Sr. Dr. Bernardino Machado, grande estadista e illustre Democrata, publicada no jornal inglês «The Times», irritou os nervos dos pontificadores da «Voz»—dos quais é grão-mestre o indefectível jacobino Fernando de Sousa. Arrepiados com as verdadeiras ditas pelo Sr. Dr. Bernardino Machado, verdadeiras estas que constam da aludida carta, transcrita no n.º 1.431 do órgão de «Frei Nemo», ei-os agarrados á calúnia, ao ódio e á deturpação, simplesmente para provarem, mais uma vez, que são maus e imbecis.

O Sr. Dr. Bernardino Machado, por quem têm a maior consideração, Portugueses e Estrangeiros, está muito acima dos remoques da «Voz», e é grande demais para se sentir vexado perante a *fantasia venenosa* daquêles que pretendem amesquinhá-lo. Os que não têm patriotismo, os que têm falta de pudor, são exactamente aquêles que atribuem estas qualidades a republicanos como a Sr. Dr. Bernardino Machado. São meia dúzia de agiotas com a aspiração de contrariarem o pensamento duma Nação inteira!

Mas não!

Não será *Nemo*, nem os seus acólitos, quem há-de destruir o futuro no qual se firmará, de cada vez com mais entusiasmo e com mais Alma, a Fé republicana. Todos os bons republicanos têm uma aspiração única: Defender a República das iras dos seus adversários, que vivem do insulto e da intriga, como a grei que se alberga sob a capa jesuítica e hipócrita do orientador-mór da «Voz».

Onde estará a Moral destes farçantes, a qual, nós, republicanos, ainda não conseguimos descobrir?!

N. B.—Transcrevemos de «O Primeiro de Janeiro» de 7 do corrente a carta que o illustre estadista enviou ao «The Times». Transcrevemo-la por estar dentro do pensamento deste artigo.

«Senhor: — Não esqueçamos a homenagem que «The Times» tributou á nossa democracia em Outubro de 1917, por ocasião da visita do Presidente da República Portuguesa ao Rei de Inglaterra. Por isso nos surpreenderam extremamente os inexplicáveis elogios que o seu grande jornal acaba de prestar á Ditadura, que neste momento usurpa o poder no nosso país, como se pretendesse intrevir no veredicto da opinião pública a favor dela.

Semelhante attitude não corresponde nem aos sentimentos da Nação Inglesa, modelo do Parlamentarismo, nem á realidade do que se está passando em Portugal, onde todos estão sofrendo gravemente das fatais consequências, materiais e morais, de um governo militarista irresponsável.

Sou de V., etc.

BERNARDINO MACHADO

ex-Presidente da República Portuguesa.

Baiona, 27 de Janeiro».

Imprensa

Recebemos a visita dos semanários seguintes: «Correio de Portugal», «Defeza do Douro» e «Nacional».

Agradecemos e vamos permutar

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

De acordo

Numa conferência, que o sr. Dr. Brito Camacho readitou em Sabal sob o tema *Regionalismo e unidade nacional*, disse o portentoso republicano:

«É justo que as regiões gosem benefícios próprios das suas necessidades, mas não se deve esquecer que os municípios que tem tomado encargos que não podem solver, e que, amanhã, o poder terá que lhes tomar contas da sua falta de previsão administrativa».

O orador continuou:

«Tem, ainda, o regionalismo uma outra modalidade que não deve esquecer-se: é a capacidade, a cultura dos administradores; e, na maioria dos nossos municípios, essa falta é manifesta».

E acrescenta mais alem:

«Regionalismo num País de analfabetos é quasi impossivel».

Diz ainda que:

«Há transigências que são louvores e, nesta hora solena dos destinos da República, todos, de boa fé, devem caminhar para um entendimento».

Foi politico; hoje não o é, mas não se arrepende de o ter sido.

O sr. Dr. Brito Camacho foi muitissimo aclamado.

Falecimentos

Em Vieira do Minho faleceu o sr. Alexandre da Fonseca Fernandes, grande capitalista e tio do nosso illustre correligionário sr. dr. Alfredo Fernandes. O extinto contava 75 anos de idade. Foram ao seu funeral vários republicanos de Guimarães que por sua vez representavam outros correligionários. Destacaremos de entre elles os srs.: António Francisco Ferreira de Castro, Tenente Albano Cruz, António Barbosa d'Abreu Guimarães, A. J. Ferreira da Cunha, Francisco Gonçalves da Cunha, Arlindo Souto, etc.

Enviamos á familia enlutada o nosso cartão de condolências.

—Na Foz do Douro, teve o desenlace fatal a sr.^a D. Joaquina Augusta Moura Pinto d'Almeida, mãe do nosso amigo e correligionário sr. Capitão Alcídio Lopes d'Almeida, a quem por tal motivo apresentamos sinceros pesames.

—Faleceu no concelho de Fafe o sr. António J. de Matos, pai dos nossos correligionários e amigos, srs. Drs. Parcião e Maximino de Matos.

Enviamos aos nossos valiosos correligionários muitos sentimentos.

—Também faleceu o sr. Luiz Dias de Castro, tio do nosso amigo e correligionário, sr. Dr. Mário Dias.

O nosso cartão de condolências.

CASAS

Vendem-se nesta cidade, devolutas, trez moradas de casas com quintal. Preço acessivel.

Falar com Avelino Faria Guimarães.

VENDE-SE

Automóvel «Overland», 5 lugares, em bom estado. Falar na Praça de D. Afonso Henriques, 38 e 39.